

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO — (Portugal)



Sumário do n.º 6

Capa — desenho de António Carneiro.
I—*Ortografia Portuguesa*, por A. R. Gonçalves Viana.

II—*Dr. Teófilo Braga*, desenho de Francisco Valença.

III—*Os Salgueiros* (versos), por António Correia de Oliveira

IV—*Casal Minhoto*, pelo Dr. Luís de Magalhães.

V—*Último sacrificio*, desenho de Luís Felipe.

VI—*A Neera* (versos), por M. Cardoso Marta.

VII—*Costumes & Tradições: A Coca (II)*, por João Verde (José Vale).

VIII—*Anibal Fernandes Tomás* (com gravura), por José de Azambuja.

IX—*Comêço de Ano* (versos), por D. Alice Moderno.

X—*BIBLIOGRAFIA*.

XI—*V. RIA: Mortos ilustres; Comissões de estética; «Arte Antiga»; Ofertas a museus; Linguagem desportiva.*

Vinhetas de Cristiano de Carvalho.

Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento,—ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na "Límia", sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 2.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses) — Pagamento adiantado

Portugal e colónias — 400 réis.

Brasil (assinatura directa) — 2:500 réis (m. bras.)

Outros países da América do Sul — 5 ps.

Espanha — 3 ps.

França — 4 fr.

Nos restantes países — 5 fr.

Número avulso, em Portugal — 80 réis

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

A primeira série custa 1\$000 réis. Para os assinantes da segunda série custa 500 réis.

NÚMERO AVULSO DA 1.ª SÉRIE 100 RÉIS

Para fóra, os preços variam nas proporções da tabela acima publicada.

Dirijir a correspondência para

Límia — Viana-do-Castelo — (Portugal)

Série 1.ª — Tómo I

VIANA-DO-CASTELO
(Portugal)

N.º 6 — Março, 1911



Director:

JOÃO DA ROCHA

Redactores:

JOÃO PÁRIS — CLÁUDIO BASTO

Secstário e editor:

ALBERTO MEIRA



176256

ORTOGRAFIA PORTUGUESA COMPRA



PRIMEIRA condição a que tem de obedecer um idioma literário é ter um sistema seu de escrita, pelo qual a língua falada seja representada visualmente, para poder ser lida. Dêste modo, a melhor escrita seria a que figurasse com a maior exactidão todos os accidentes e particularidades que se observam no idioma falado, tal como se pronuncia, tam pontual e minuciosa como é a notação musical.

Êste rigoroso e perfeito sistema não pode, porém, ter execução prática e jeral, porque as pronunçações variam de localidade para localidade e, em muitos vocábulos e formas, de indivíduos para indivíduos, sem contar as diferenciações que o tempo vai produzindo de jeração para jeração, e que nos obrigariam a alterar em períodos muito curtos o modo de escrever as palavras. Assim, a escrita do idioma próprio de cada nação ou país tem sempre de ser vaga, caracterizando unicamente as feições jerais do idioma que figura, e desatendendo as particularidades e accidentes peculiares a cada rejião, contanto que respeite, quanto possível, as tradições ortográficas, que a bem dizer constituem a índole da sua escrita nacional.

Um exemplo bastará talvez para que fique bem claro o meu pensamento. Representamos em português pela letra *c* um certo soído, um fonema surdo, isto é, pronunciado sem voz, que preferimos ao soltar-se, pelo impulso do ar expellido, o contacto prévio, a preclusão estabelecida com o extremo posterior da língua no extremo posterior do paladar, do palato duro. Para figurar êsse fonema temos no abecedário romano, que adoptámos, três sinais, três símbolos: *k*, *c*, *qu*. Poderíamos escolher o primeiro dêles, que nenhuma dúvida ofereceria no seu emprêgo, e dêste modo escreveríamos, por exemplo, *kapa*, *kopa*, *kullo*, *klaro*, *kravo*, *kebra*, *kinta*. Não acontece todavia assim, e a escrita tradicional faz que escrevamos com *c* inicial as cinco primeiras palavras, *capa*, *copa*, *culto*, *claro*, *cravo*, e com o digrama *qu* as outras duas, *quebra*, *quinta*. Seria temerário tentar, contrariando a tradição romana, a substituição de *c*, *qu* por *k*, visto que *c* e *qu* são as únicas representações que daquele fonema legou o abecedário romano aos idiomas modernos que são a continuação do latim. É pois de razão que, numa reforma tendente a uniformizar num padrão único as diversas maneiras que se tem usado e usam para escrever português, nos não desviemos de todo dessa tradição, apesar do inconveniente manifesto que resulta de empregarmos dois sinais diferentes

para a representação gráfica de um só fonema. Por outra parte, há fonemas absolutamente diversos que figuramos tradicionalmente por uma só letra, e para exemplo bastará compararmos os seguintes vocábulos: *capa, copa, culto*, com *cepa, cinta*; nos três primeiros o *c* representa o fonema explosivo póstero-palatal a que nos referimos, nos dois últimos uma consoante fricativa, prolongável, surda, proferida entre o ápice da língua e as jênivas dos dentes incisivos superiores, e que na pronúncia hoje em dia jeral tem a sua figuração adequada, *s*. Por esta particularidade tradicional temos de acrescentar ao *c* um sinal diacrítico, diferencial, quando antes de *a, o, u* lhe queremos conservar aquele valor de sibilante: *esqueço, esqueça, açude*.

Respeitando contudo a tradição nacional do emprêgo das letras do abecedário romano e das suas posteriores inovações (*ç, j, v*, etc.), não é de modo algum necessário conservarmos integralmente as feições da ortografia latina, artificiais e eruditas, introduzidas na sua maior parte recentemente por imitação da escrita francesa, também artificial, como são os *h h* inúteis, os *y v*, e outras impertinências que, a par da não menos inútil duplicação de vários caracteres, *tt, dd, ll, mm, nn, ff, gg, cc*, sobrecarregam com sobejnais ociosos uma escrita que pode ser clara, simples e fácil para todos os que teem de escrever o nosso idioma, e a quem faltam o tempo e a paciência para se ocuparem de futilidades e requintes gráficos.

É de toda a conveniência, portanto, que estes arrebiques desapareçam quanto antes dos vocábulos portugueses, manuscritos ou impressos, como o é igualmente què ninguém que aprendesse a ler possa ter hesitação justificada na pronúncia de qualquer palavra portuguesa escrita, quando mesmo a não conheça, nem a visse ou ouvisse nunca, e para tal fim cumpre semelhantemente ficisar um sistema invariável e regular de acentuação gráfica.

Na **Ortografia Nacional** (Lisboa, 1904, p. 287) formulei os três preceitos seguintes, que a meu ver devem dirijir qualquer reforma ortográfica do idioma pátrio:

I *Tudo o que se differença na fala tem de ser differença na escrita.*

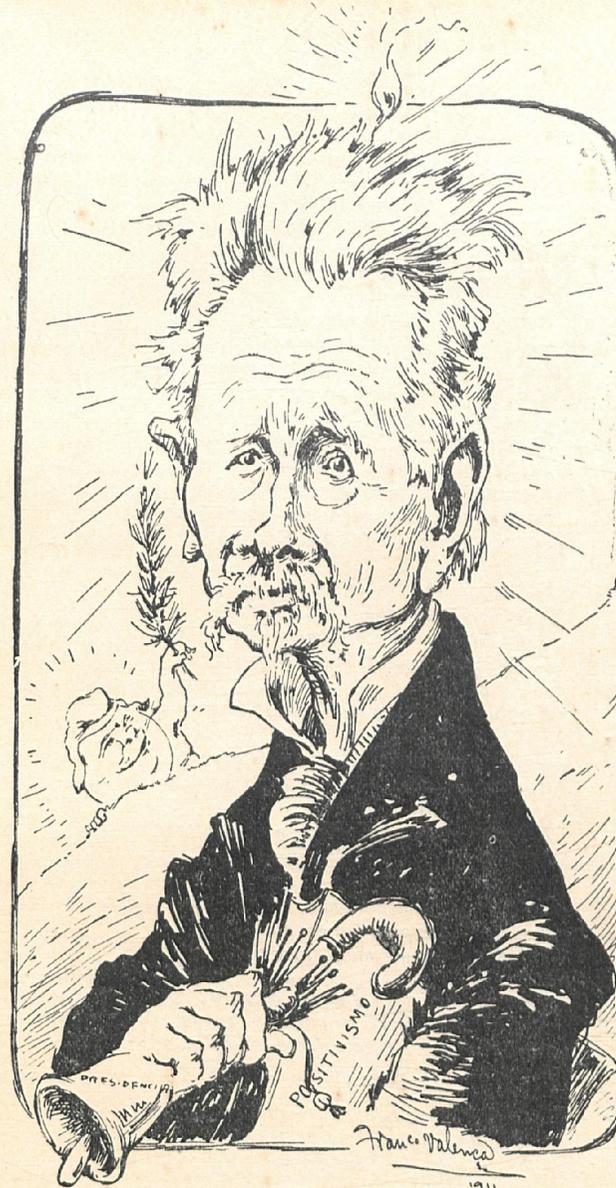
II *Todas as pronúncias legítimas devem ser representadas na ortografia comum, para que a lingua escrita seja uma só.*

III *Todos os artificios etimológicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da lingua falada, serão desterrados da escrita portuguesa como contrários à sua expressão gráfica.*

Em outro artigo desenvolverei resumidamente, como à natureza desta meritoria publicação convém, as regras essenciais que destes fundamentais preceitos se deduzem; principiando já aqui por dizer que a simplificação e regularização sistemáticas, científicas e práticas da ortografia portuguesa, sem serem tam facilmente exequíveis como foram as da castelhana, estão lonje, muitíssimo lonje de oferecer as dificuldades que se deparam aos que teem tentado a reforma da ortografia francesa, já esboçada, mas incompleta e absurdamente conservadora pelo que respeita à representação das vogais; não mencionando os inúmeros estorvos com que terão de arcar os filólogos que pretendam regularizar a monstruosa ortografia inglesa. A nossa reforma, comparada com estas, é tam sinjela, tam intuitiva e de tam fácil execução na maioria dos seus accidentes, que um pequeno impulso e uma iniciativa corajosa acabarão por uma vez com êsse estranho privilégio, que separa hoje em dia os que supõem saber escrever, daqueles que se limitam a debuxar letras.

Lisboa

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA



DR. TEÓFILO BRAGA

Um livre-pensador Patriarca da República... das Letras!

(Desenho de FRANCISCO VALENÇA)

OS SALGUEIROS

*Salgueiros debruçados sôbre as lúcidas
E transparentes águas fujidias,
Porque é que estais constantemente, ó Árvores,
Trespessando com vossos verdes olhos
As mansas ondas de água palpitante?*

*Ou seja à luz do sol ou luz da lua,
—O que enxergais na larga profundez
Dos remansos e pegos, das correntes
Que fojem como o tempo e como a vida?*

*Às vezes, murmurais à branda arajem
Palavras de mistério, incompreensíveis;
E estendeis vossos braços, com o gesto
De quem pensa abraçar com os seus braços
Formas de corpo ou fujitivo Espírito...*

*Salgueiros debruçados sôbre as doces
E transparentes ondas,—lá no fundo,
O que avistais que vos namora tanto
E contemplais em amorosos êstasis?!*

E os Salgueiros dos rios responderam:

*—«A imagem que nas águas avistamos,
É, simplesmente, a nossa própria imagem.*

*Enquanto as ondas passam, e não voltam,
Na inconstância fatal do seu destino,
—Nosso destino e nossa lei é vermo-nos
Ficar constantemente onde, em raízes,
A natureza nos prendeu em sua
Sabedoria eterna e misteriosa.*

*O sermos verdes,—eis nossa alegria;
Prendermo-nos à Terra que nos prende,
—Eis a virtude e o bem que à luz do mundo
Nos enche de louvor, e nos esalla»...*

*Ó Omens! aprendei nesta resposta
Dos umildes Salgueiros debruçados
Sôbre as lúcidas águas inconstantes:*

*A vida seja, para vós, um rio
De águas que fojem, e não voltam nunca:
—E nele as vossas almas, reflectindo-se,
A si próprias se vejam e contemplem.*

*O destino de uma árvore é ser verde;
O destino das Almas, serem boas:*

*Como os Salgueiros vendo-se nos rios,
Reflecti-vos na vida—e olhai, ó almas!
Se verdejais em graças de virtude
E sois dignas de Deus e de vós mesmas.*

Lisboa

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

CASAL MINHOTO

(Trecho d'um romance inédito)

A CASA do marchante era de grande canceira e luza. O homem andava sempre por fóra, a cavallo, de feira em feira. Montava alta manhã, apeava-se á noite. Muitas vezes ficava-se dois, tres dias, por longe.

Quem tudo mandava, de portas a dentro, era a thia Maria. Levantava-se com luz, chamava os creados, accendia o lume na vasta lareira de granito. Depois, de lampeão em punho, destrancava a porta que da cosinha deitava para o eido. As estrellas palpitavam ainda no céu pallido e frio da madrugada. A frescura humida da manhã penetrava-a toda. Os rafeiros, sentindo-a, vinham, agitando a cauda e com o dorso arqueado, roçar-se pela sua grossa saia de seriguilha. Ella acariciava-os, dava-lhes uma codea. E já fóra, pisando com os grossos tamancos o matto fôfo, polvilhado da geada ou perlejado do orvalho, atravessava o enchido e ia aos curraes ver se os moços atulhavam bem as mangedouras aos bois; soltava as gallinhas, que já se agitavam na capoeira, cacarejando e batendo as azas; e passava ao cortelho dos cevados, aonde as creadas levavam os primeiros baldes da lavagem. E quando, já prompto para a jornada, de jaleca de pelles, chapéo braguez e uma espora ferrugenta no pé esquerdo, o marido sellava e entreava a egua, ella ia arrumar-lhe o farnel nos alforjes listrados, postos á garupa sobre o albardão: uma fatia de brôa, um grosso chouriço, a borracha bem atestada de verdasco. O José Ramos montava, mettia o varapau de marmeleiro sob a perna esquerda, e, espo-reando a egua roliça e forte, transpunha o largo portão alpendrado.

—Fica-te com Deus, Maria. Olha cá por isto...—dizia elle já do caminho, mettendo ao passo travado.

—Vae descanzado, homem!—respondia a mulher, da soleira.—E o Senhor te acompanhe!

E, em todo o dia, a labuta não afrouxava. Era o almoço, servido logo alta manhã aos homens que iam para as terras; era a fornada amassada rijamente e lançada em enormes brôas d'alqueire á bocca esbraseada do fórnio; era a barrella nos cortiços fumegantes da agua a ferver; eram as meadas do linho deitadas a córar ao sol; eram as ordens dadas para os serviços da lavoura, os moços que partiam com o gado para as vessarias, o milho que se media para a azenha, os carros de matto que entravam das bouças, chiando, a faina animada das sachas, das ceifas, das malhadas, das vindimas. Tudo se fazia sob o seu olhar vigilante. E quando, á noite, o marido voltava, e pae e filhos se reuniam em volta da velha mesa da cosinha terrea, com o caldo a fumegar nas tigelas de barro vidrado, ella, á maneira minhota, sentava-se com as creadas na preguiceira do lar, e allí, sob a luz fumosa da candeia, ceava, calada e grave, junto ao borralho.

Depois, enquanto o José Ramos, accendendo o cigarro, lhe ia contando o que passára por fóra e lhe fallava dos seus negocios, punha a roca á cinta, e logo o fuso girava e cantava nos seus dedos, preso do fio em que a estriga se ia tornando. Mas, pelo silencio da noite, o toque das Almas soava tristemente ao longe, na torre da freguezia. E ella, então, entalava o fuso na correia que cingia a estriga, levantava-se, punha as mãos, e, recolhida, cheia de devoção, resava por todas as

suas obrigações, pelas almas dos paes, pelas almas dos parentes e conhecidos, pelas almas dos que soffriam as penas do Purgatorio, pelas almas dos que houvessem morrido em peccado, na terra ou sobre as aguas do mar... O José Ramos, os filhos, as creadas que acabavam de dar as ultimas voltas á cosinha, levantando a mesa, lavando a louça, deitando agua nos grandes panellões de lareira, erguiam-se tambem ou interrompiam o serviço, e resavam com ella, respondendo-lhe n'um unisono monotonos aos *padres nossos* e ás *avé marias*.

— São horas, gentes! — dizia ella aos filhos. — Toca para a cama.

E os mais velhos, já rapazotes e rapariguitas, os mais novos, ainda creanças, e que, a um canto da lareira, brincavam com o *Tareco*, o velho e gordo maltez, amante do borralho, recolhiam aos quartos, dando as boas noites: — «Sua benção, senhor Pae. Sua benção, senhora Mãe.» O José Ramos seguia-os pouco depois, as creadas tambem. Mas ella ainda ficava um instante a ver se o brazido se apagava, a fechar as janellas, a trancar as portas. E já tudo dormia em casa, quando a thia Maria se ia metter na cama.

Mas este continuo labor domestico não a impedia de pensar nos outros, de os servir, de os socorrer. Nunca negava a esmola; nunca, á porta da sua casa, um mendigo ouvira um secco e aspero *não pôde ser*. Uma codea de brôa, uma tigela de caldo, uns farrapos para as feridas, uma camisa ou uma saia velhas — sempre os pobres dos arredores, os vagabundos famintos e rotos, estavam seguros de alli os encontrar, dados com uma palavra de commiseração, com um gesto de apiedada e christã fraternidade. Sabia um enorme receituário de remedios caseiros, tisanas, heberagens, unguentos, infusões de ervas medicinaes, papas, cataplasmas. E todos a procuravam para que lhes tratasse uma ferida, uma inflammação, um tumor, para que lhes desse um cosimento para umas terças ou um catarrho teimoso. Assistia a todas as parturientes do logar, aparava as creanças, lavava-as, vestia-as, cuidava, tratava das mães. E sempre, de dia ou de noite, por sol ou por chuva, mal a chamassem, ella ia por caridade prestar os seus serviços, perto ou ao longe, a ricas ou a pobres, como se essa fosse a sua profissão ou o seu dever.

As suas folgas eram raras: só nas tardes de domingo, em que muitas vezes a sua piedade a levava para a igreja, onde se fazia uma novena ou outra devoção. As suas distracções reduziam-se a alguma romaria ou alguma grande feira d'anno, a que acompanhava o marido, com os seus vestidos de festa, a saia de castorina, o collete de ramagens, a camisa de folhos, o lenço de franja cruzado no peito — e toda resplandecente d'esse oiro que é a reserva thesaurizada da casa rural minhota, a prova da sua prosperidade e riqueza: as enormes arrecadas, os grillhões de duas e tres voltas, os grandes corações e as cruces de Malta de filigrana, os crucifixos, as imagens da Virgem, os medalhões esmaltados.

Fôra d'isto, não saía de casa. A vida, para ella, circumscrevia-se ao cuidado do casal e do seu pequeno mundo domestico. Amava a terra com a paixão instinctiva da gente do campo. E, no seu vago e confuso mysticismo naturalista, amava tambem com ternura tudo quanto ella creava — as gramineas que davam o pão, a vide que dava o vinho, as ervas que sustentavam os gados, as arvores que offereciam os seus fructos ou a sua madeira, os animaes que ajudavam o labor do homem ou o alimentavam. Em todos esses dons, ella sentia a mão protectora d'um Ente mysterioso que a sua intelligencia não concebia, mas o seu coração amava, e que generosamente a cobria de beneficios. E como a sua riqueza e prosperidade crescentes eram, a seus olhos, uma mercê do Deus em que firmemente cria, ella amava essa riqueza, e augmentava-a poupando e enthesourando quasi avaramente.

E, n'esta vida, foi lenta e docemente envelhecendo. Serviu o marido com submissão, creou com amor os filhos, ajudou quanto poudé, pelo trabalho e pela economia, ao augmento do casal. Quando o José Ramos doou os bens da Richosa ao João, o filho mais velho, por occasião do seu casamento, ficando, todavia, com a reserva da casa e da cortinha, ella viu diminuidas as suas cancelas — e logrou repousar um pouco. Já o marido deixára o negocio do gado; e, casadas as filhas, formado o medico, que fôra para um partido proximo, e ordenado o padre, começaram os dois velhos a viver quasi só um para o outro, ella olhando apenas pelas coisas de casa, elle entretendo-se na cortinha a podar, a sachar as hortas, a estacar os feijões, a esfolhar as parreiras, a regar as leiras do milho, nas tardes calmosas de Julho...

Moreira-da-Maia.

LUIZ DE MAGALHÃES



ÚLTIMO SACRIFÍCIO

(Desenho de LUIS FELIPE)

A NEÉRA

HORÁCIO — Odes, V, 15.

*Era noite, Neéra; num céu puro
fulgia a lua
entre pálidos astros,—e perjuro
era teu coração e a bôca tua...*

*Ante os Deuses, nos braços amorosos
tu me enlaçaste
como a hera os carvalhos orgulhosos;
e a tudo quanto eu disse, assim juraste:*

«Enquanto Oriente as ondas um momento
erguer ao céu,
e os cabellos de Apollo encrespe o vento,
—eu te juro um amor igual ao teu!»

*Faltaste, Neéra! O meu despeito agora
soffre, mulher!
Se ainda a chamma viril em Flacco móra,
em teu leito um rival não hei de ver...*

*Outra mais digna quero; e se a certeza
vence a suspeita,
não é aos pés da tua van belleza
que a minha dor há de cair desfeita...*

*E agora: fôram teus, feliz mortal
(quem quer que sejas
que andas soberbo a rir-te do meu mal),
vastos rebanhos, terras quantas vejas;*

*Tiveras o Paetólo e as suas ilhas,
e renascera
Pithágora a ensinar-te maravilhas;
tua belleza a de Nireu vencera;*

*Nem por isso Neéra há de por certo
ser-te mais firme;
Tu chorarás vendo o teu lar deserto...
E então chegou a minha vês de rir-me...*

Lisbôa.

M. CARDOSO MARTHA

COSTUMES & TRADIÇÕES

A CÓCA

II

Bate o pleno a verbena, com sua iluminação polychroma, em toda a linha oval da praça, sob o arvoredado e em renques, ao longo e ao largo que coretos em pagode limitam, e, no formigueiro que caracteriza o arraial minhoto,—ranchos de labregos de longe vindo, matrimónios urbanos e lindas pequenas em maré de idyllo,—as philarmonicas alternam-se com a pyrotechnia do deReus, em *palenque* e das rostillhadas dos fogueteiros da-terra, em girandolas á pae-adão, enquanto nos cafés e nas tabernas se tertulia e se despejam os picheis em que espumam os vinhos do termo, e os moços de cêgo cantam e ao desafio cantam as raparigas do arrabalde. Com'assim é noite perdida. E cáe a uma da madrugada, e cáem as duas, e das ruellas lateraes gallos annunciam a alva. E' quando se extinguem os pavios das luminarias, como que desdentando os cordões de buxo das arcarias e os grupos se afastam, pouco a pouco, e as philarmonicas põem o *cul-de-lampe* no arraial, em compasso de galope ou peça de circo, e atroou os ares a ultima bomba de carga-inteira, como um ponto final que os mordomos da festa dictassem á assistencia caçada de olhar os astros pestanejantes, elles tambem, e de trilhar a areia do terreiro, e de ouvir a denguiçe creoula dos tangos ou os trechos de zarzuela-chica que a beira-Minho importa no ar.

Tal o cartaz vespéral da funcção da Cócá.

*
* * *

Junho offerece-se, ordinariamente, em calores de trovoeira. O sol ergueu-se com fêbres intermitentes, brilha com todo o seu esplendor; mas á medida que a manhã vae subindo, forma-se a névoa alta, enrolam-se por'riba nuvens em penedia, de onde em onde, e quando a gente mal se percata, a cunca do céu despeja uma mão-d'agua de arrasar tudo, para logo retalhos de azul se desenharem limpidos e se estender na calçada a soalheira, como se nada fôra. O dia de *Corpus* surge, ás vezes, assim.

A' alvorada sinos repicam em todas as torres, as salvas de tiros fizeram estremecer os predios, e as mesmas philarmonicas, mal repostas ainda, tocam estremunhadamente os passo-dobles por largos e ruas. Quando ellas passaram, os gaiteiros vão-lhes na esteira soprando o hymno de Riego e as «alboradas» de Chané e de Veiga, como se estivessemos no coração da Galliza, entre Farrucos e Xans de *montêra* e rapazas de mandil e dengue, cheirando a aniz e rosmaninho, tudo de parranda e que sei eu? E o caso é que, d'alii a algumas horas, quando já manhã alta, nós-outros duvidamos se a invasão gallaica não será um facto, se não estaremos todos, emfim, n'essa Iberia sonhada por tantos d'alem e d'áquem federalistas e ainda mais desejada por antigas testas coroadas.

Surge então á admiração das multidões esparsas a Santa-Cócá, o monstrosito de madeira e garrás que, havia um anno, a civilização lhes sequestrára e começa automaticamente a sua visita ás tabernas, em saudação preparatoria, porque se o bicho não bebe, bebem os que lhe vão no estomago e o tângem. Por outro lado, S. Jorge, o cavalleiro, de capacete e escudo, capa ao vento e lança de folha de Flandres, lusindo suas botas de charol, suas esporas de nikel e seu calção de brin, faz piafar o ginete, fazendo tambem as mesmas proveitosas saudações aos ramos de louro do povoado, mandando, como a Cócá, a sua graça a Deus e emborcando copiosas malgas do precioso sangue como qualquer carreteiro. E assim arruando, até á hora da procissão, e assim beberrando, passam os dois symbolos do Bem

e do Mal, seguidos sempre, admirados sempre, sempre senhores da villa e dos circumstantes, na rópia altiva de quem faz annos.

*
* *

Este pittoresco, este bizarro culto externo! Declina a tarde. A ampla praça regorgita de povo. Dos balcões de em-torno que logo serão outros tantos *palcos* da arena, sol e sombra, pendem as melhores colchas de Damasco e da India. Vae sahir a procissão.

Com effeito, lá vem ella desembocando dos lados da Matriz. A' frente, o S. Jorge, arauto fiel, bem comido e melhor bebido, mas ainda na prumada; depois o *boi-bento*, a melhor estampa de engorda, ahi-p'ra quarenta moedas a junta, cornilongo, madraço, a passo solemne, enfeitado a sedas, as pontas lusidias a oleo de amendoa; depois o *carro-das-hervas*, um vulgar carro de lavoura que o ócre faz sobresahir, armado a buxos e flores, em forma de pagode, onde o rapazio vae entoando esta coisa inexpressiva e tradicional:

Viv'ólé, de S. José...;

depois as cruses parochias de uma redondeza de legua e as confrarias de vara e ópa e o palio á Pompadour; e depois o senado e o senhor juiz e o funcionalismo, e as pessoas gradas, e a tropa disponível e a banda e o mulhierio fechando aquillo tudo! Este pittoresco, este bizarro culto externo! O religioso e o profano de comboiada—gados e lavitas, togas e sobreplizes, fardos e capas de asperges, anjinhos de azas de arame e arminho e matalotes de faxa á cinta e aguilhada, e tudo n'uma compostura, n'uma cadencia, n'uma pisorrença de carta de conselho e commenda, n'uma pachidermice tal, que, ou muito me engano eu, ou, como dizia o doido do manicómio, o grosso do exercito anda cá por fóra.

Mas vão diser aquelles milhares de pessoas, gallegos inclusivé, ao recolher o extenso sequito, que não esteve uma procissão de arromba!

*
* *

Levantaram-se as colchas de Damasco e da India. As janellas, as varandas, as agua-furtadas, as platibandas dos telhados, a praça inteira, enchem-se de povo. Nos coretos flamantes as philarmonicas dão o signal. Foguetes estoiram no ar de canicula. Vão ferir-se o combate. Ha uma anciedade nos rostos, olha-se alternativamente para cada lado da praça d'onde surgirão os lidadores... Subito, um largo clamor se estende na populaça. É a Cócá que d'uma das ruas estreitas da «sombra» desembóca, róda, atravessa o gentio e vae postar-se no meio da arena, mesmo em frente a uma outra ruasita estreita do «sol». Novo clamor e é d'esta que o cavalleiro S. Jorge irrompe, abre alas, e a todo o galope do seu gínete vem plantar-se, n'um rompante de corredor de feira, á distancia respeitavel do bicho. Um momento de pasmo geral, e, então, ah! Pae! começam as investidas. S. Jorge, de lança em riste, atira-se ao monstro que, ora recúa, ora avança. Os alaridos enchem a arena a cada arremettida dos contendores—furias, imprecações, um berreiro ensurdecador, porque n'uma lançada ao arcabouço da Cócá o Santo quasi abre ao verde a um dos que, dentro d'ella, a tanger. A's vezes intervem a auctoridade, mas tudo serena para logo recommear, até que, quasi uma hora gasta n'este serviço, cançados os da lide, o S. Jorge larga terra para feijões e a Cócá recolhe mal ferida, ao velho armazem—até pr'ó anno.

É quasi sol posto.

Monção

JOÃO VERDE

MAIS um vulto illustre desaparecido. Desta vez coube a sorte a um omem que passou a vida juntando livros e papeis, estudando, colijindo notas e apontamentos na ánsia afanosa de armazenar trabalho que um dia pudesse ser por outros utilizado.

Aníbal Fernandes Tomás era um carácter sumamente altruista, um fino espírito, um talento superior sem vaidades, que tudo quanto possuía empregou em livros. Estes foram a sua única paixão; todos que o procuravam lá iam encontrá-lo encantado na sua rica biblioteca sempre estudando, rebuscando sempre, e, desmentindo a avareza tradicional dos bibliófilos, a todos franqueava os seus livros, as suas preciosas colecções, e isto acompanhado de sábios ensinamentos, de valiosos conselhos e acertadas considerações, filhos da sua longa esperiência.

Conhecera a fundo a enorme fôrça que do Livro dimana, previra a quanto a humanidade poderia chegar impelida por essa fôrça suprema que nasce da educação do espírito.

Vivia feliz rodeado de êsses velhos amigos em cujo convívio se deleitava longe das jentes, dos debates e do burburinho que agitam a actual sociedade. E ali iam colher informações, notas, apontamentos, não só os omens de letras mas individuos de todas as classes, e Fernandes Tomás a todos acolhia sempre risonho e afável dando-se por feliz em ter ensejo de travar conhecimento com novos amigos e companheiros.

Foi até o fim da existência o prototipo do incansável trabalhador ignorado, escondido e simples, desprezando onras e vanglórias.

Ultimamente exercia um emprêgo modesto no Posto Marítimo de Desinfecção, em Lisboa, e foi ali que a morte veio buscá-lo no dia 17 de março, ás 6 horas da manhã.

Filho de João Pedro Fernandes Tomás Pipa e de D. Maria José Fernandes Tomás, o bom Aníbal orgulhava-se de ser sobrinho-neto do grande Manuel Fernandes Tomás, nome imorredoiro que faz parte da nobre plíade dos eróis de 1820.

Nascido a 9 de abril de 1849, Aníbal Fernandes Tomás contava 62 anos de idade. Estudara na Universidade de Coimbra, chegando ao segundo anno da faculdade de Direito; teve de abandonar os estudos universitários em 1871 para ir substituir o pai impossibilitado por uma paralisia de exercer o seu lugar de escrivão-de-direito na Figueira-da-Foz. Aqui esteve até 1880. Em igual cargo serviu no tribunal da Boa-Ora em Lisboa, desde 1882 a 1885. Nomeado governador-civil para Aveiro em 1894, af



ANÍBAL FERNANDES TOMÁS

(Fot. de seu filho, João Fernandes Tomás)

se conservou até 1900, sempre querido e estimado não só do povo daquele distrito mas das autoridades superiores. Pelos seus méritos de funcionário esemplar e distinto cultor das letras, fôra distinguido em 1896 com o grau de Oficial da Ordem de S. Tiago.

Entre as obras literárias que deixou, avultam as seguintes:

Cartas Bibliographicas. Coimbra 1876-1877—Tirajem de 100 esemplares numerados.

Manuel Fernandes Thomaz (iniciador da revolução portugueza de 1820). Notas bibliographicas e iconographicas. Figueira-da-Foz, 1899—44 páj. 1 err.

Os ex-libris portuguezes. Alguns subsídios para o seu catalogo. Figueira-da-Foz, 1902, 8 páj.

Ex-libris ornamentaes portuguezes.

O falso ex-libris de D. Catharina de Bragança rainha de Inglaterra. Resposta ao redactor do «*Archivo de ex-libris portuguezes*». Figueira-da-Foz, 1904.—14 páj.

Um Sacripanta esfarrapado. Correctivo suave das aleivosias e insolencias do consul Joaquim da illustre prosapia dos Araujos carinhosamente applicado por Anibal Fernandes Thomaz. Figueira-da-Foz, 1905—14 páj. Opúsculo de resposta à *Gralha despavonada* em que Joaquim de Araujo o ofendia.

Dirijiu durante 10 anos o *Jornal da Louzã*, fundado em 1883; fôra também o fundador do *Boletim de Bibliographia Portugueza*. Vol. I—1879—212 páj. Publicou-se um Vol. II—1880—304 páj., com o título de *Boletim de Bibliographia Portugueza e Revista dos Archivos Nacionaes*, redijida de colaboração com Graça Barreto;—a *Revista Literária*, suplemento à *Gazeta da Figueira*. Saíram 4 números, com 144 páj., sendo o 1.º número de Julho de 1904.

Colaborou no *Campeão das Provincias*, na *Gazeta da Figueira*, nas *Novidades*, no *Portugal Artístico*, no *Instituto*, no *Conimbricense*, etc.

Escreveu de colaboração com Marques Gomes: *O Prior do Crato em Aveiro*.

Deu muitas indicações para o livro *D. Antonio* de A. de Faria e preparava ultimamente um trabalho bibliográfico sôbre a guerra peninsular.

Anibal Fernandes Tomás desenterrou da poeira e do ignorado dos arquivos várias obras e trechos da melhor literatura, editando-os por sua conta, dando portanto assim a público jóias estimáveis da lingua portugueza que jaziam completamente ignoradas. Outras vezes eram cartas, dados istóricos que êle salvava do olvido, editando-os em pequenos volumes anotados que tam úteis são aos que se dedicam às letras.

Entre tais edições lembramo-nos de ter visto as seguintes:

Carta enviada pelo Dr. Jeronymo Montaro de Nuremberg a El-rei de Portugal D. João, acêrea dos descobrimentos portuguezes, traduzida do latim por Fr. Alvaro da Torre, monge dominicano e impressa por um bibliographo. Coimbra, 1878—12 páj.

Tricentenario de Camões, 1580—1880.

Ignês de Castro. Iconographia, Historia, Litteratura. Lisboa. Tirajem 156 esemplares.

Theodorus Johannes Kerkloven. Uma tradução olandesa de Camões. Pôrto, 1890, 8 páj. 1 retrato de D. Inês de Castro, tirajem de 52 esemplares.

Luiz Antonio Soveral Tavares. Elegia á deplorada morte do grande immortal regenerador da Patria Manuel Fernandes Thomaz. Figueira-da-Foz, 1902, 2 páj., tirajem de 50 esemplares.

Guilhermino de Barros, Fernandes Thomaz, A Aurora 1820. Figueira, 1904, 8 páj., tirajem de 50 esemplares.

Manuel Pinheiro Chagas. O Monge do Bussaco (Episodio da Invasão Franzeza) Figueira, 1909, 54 páj., tirajem de 70 esemplares.

O Genio de Wellington ou A Batalha do Bussaco. Drama alegórico por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Lysia Victoriosa, poema por José Joaquim de Figueiredo Saraiva (escertos). Inéditos publicados por A. F. T. Lisboa, 1910, 40 páj. 1 add. Tirajem de 60 esemplares.

Dois foram as divisas dos seus *ex-libris*: *Nobilitas mea nomen* e *Assidue et alacriter*.

Orgulhava-se de possuir uma das mais ricas e selectas livrarias da península.

Nas suas colecções distinguiram-se como valiosíssimas a *Garretiana*, *Camoneana*, *Antoniana*, a da *Guerra Peninsular*, a *Judaica*, etc.

É também muito curiosa e rica a colecção de *ex-libris* portuguezes e a de estrangeiros domiciliados em Portugal. As suas colecções iconográficas são as mais completas e curiosas que existem no país sendo a de retratos talvez única pela quantidade e variedade.

Era sócio do INSTITUTO DE COIMBRA, da ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS E ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES e fôra um dos fundadores da SOCIEDADE DE BIBLIÓFILOS BARBOSA MACHADO, membro honorário do CONSELHO ERÁLDICO DE FRANÇA, da SOCIEDADE LITERÁRIA ALMEIDA GARRETT, etc.

Anibal Fernandes Tomás usou por vezes do pseudónimo AMÍLCAR.

Oxalá sirva a muitos de valioso incentivo o salutar esemplo do infatigável trabalhador que foi Anibal Fernandes Tomás.

Lisboa.

JOSÉ DE AZAMBUJA

COMÊÇO DE ANO

«Mon âme a son secret, ma vie a son mystère»

FELIX ARVERS

*Sonhei contigo no comêço do ano
E fiquei-me, depois, ao acordar,
Sonhando ainda... Ó coração umano,
És um convulso, misterioso mar!*

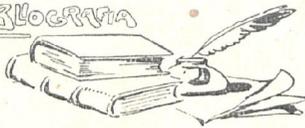
*Diz o povo, sinjelo e grave arcano,
Que o que succede, do ano ao começar,
Prazer que seja, represália ou dano,
Irã seguindo do ano ao deslizar.*

*Ao contacto do livro poirento,
Eu tenho ido estiolando o sentimento,
Substituindo o ideal pelo concreto.*

*E, no entanto, ao sabor da lenda amiga,
Eis-me em busca da rima de oiro, a liga
Que foi argamassando este soneto...*

Ponta-Delgada, Janeiro de 1911.

ALICE MODERNO



Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-á notícia crítica.

Comptes-rendus sur les livres paraissant soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient envoyés à la rédaction.

- 26.—IN MEMORIAM—À MEMÓRIA DE VILLALVA JÚNIOR, homenagem de Múcio Pompeu do Amaral e Raul de Freitas. 32 pág. 17x23; br. Sam-Paulo, 1910.

É um luxuoso opúsculo em grande formato, interessadamente ilustrado, que a amizade dos srs. Múcio Pompeu do Amaral e Raul de Freitas dedica à memória de Vilalva Júnior, um moço a quem alguns amigos na presente publicação chamam Mestre e de quem todos os colaboradores são concordes em dizer-nos ter ele sido um talento muito prometedor, filósofo, orador, crítico, poeta... falecido com 22 anos a 25 de novembro de 1909 em Pindamonhanga.

A. S.

- 27.—MANUEL MONTERROSO—*Bilhetes postais ilustrados*, publicados no «Primeiro de Janeiro» 1909-1910. 93 pág. 22x16; br. 200 réis. (Edição de A. V. Cruz, Pôrto. Oficinas do «Comércio do Pôrto» e Mota Ribeiro, Limitada, Pôrto).

- 28.—BIBLIOTECA DA EDUCAÇÃO NACIONAL—*Lei do Registo Civil*. 64 pág. 16x10; br. 50 réis. É o XXXVI volume da coleção das leis da República. Lisboa, 1911. (Edição completa,

da Biblioteca da Educação Nacional, rua do Alecrim, 80-82, Lisboa).

- 29.—CLUBE DOS GALITOS—*Relatório da Direcção; jerência de 1909*. Aveiro, 1910.

*

- [17 (bis).—REVISTA DE ARCHIVOS, BIBLIOTECAS Y MUSEOS, «órgano del cuerpo facultativo de Ramo». Como saíram erradas as indicações relativas a esta valiosa revista, se repetem correctas: Presidente do «consejo de redacción», Marcellino Menéndez y Pelayo; redactor principal, João Menéndez Pidal. Redacção e Administração: Biblioteca Nacional, Paseo de Recoletos, 20, Madrid. Assinatura: ano, 20 fr. fora da Espanha: Núm. avulso, 1,50.

Recebidos os n.ºs 9 e 10, referentes a setembro e outubro.]

- 30.—GAZETA DAS ALDEIAS, semanário ilustrado de propaganda agrícola e de vulgarização de conhecimentos úteis. Director: Júlio Gama. Redacção e Administração: R. de Sá da Bandeira, 257 Pôrto. Assinatura: ano, 2\$000 rs., sem 1\$000 rs.—em Portugal; no Brasil, ano 2\$250 rs.

É uma revista superiormente confeccionada, única no género.

Recebidos os n.ºs referentes a janeiro e fevereiro.

- 31.—REVISTA DE GUIMARÃES, publicação da «Sociedade Martins Sarmiento», promotora da instrução popular no concelho de Guimarães.

Publica-se em janeiro, abril, julho e outubro, em fascículos de 48 páginas. Assinatura: ano, 600 réis; núm. avulso, 200 réis. A correspondência deve ser dirigida à Direcção da *Sociedade Martins Sarmiento*, Guimarães.

É uma revista de valor.

- 32.—BOLETIN DE FOMENTO, *órgano del ministerio de fomento* da Costa-Rica. Interessante publicação ilustrada.

Recebido o n.º 1, referente a janeiro (ano I).

- 33.—LA PENSÉE, organe hebdomadaire de la Fédération des Sociétés belges de Libre Pensée et de la Fédération Internationale de Libre Pensée. Director: Eujénio Hins. Redacção: *Chaussée de Boendal*, 350, Bruxelas. Assinatura: ano, fora da Bélgica, 6 fr.

Recebidos os n.ºs referentes a nov., dez., jan., fev. e março.

- 34.—SERÕES, revista mensal ilustrada, magnificamente impressa, com teisto variado. Director: António Sérgio de Sousa. Redacção e administração: Pr. dos Restauradores, 30, Lisboa. Assinatura: ano, 2\$200 réis; núm. avulso, 200 réis.

Recebidos os números correspondentes a jan., fev. e março.

- 35.—FIGUEIRA, revista de literatura, ciência e arte, boletim do grupo «Studium» e da Biblioteca Pública Municipal da Figueira-da-Foz. Redactores: Pedro Fernandes Tomás e Elói do Amaral; secretário da red., F. Martins Cardoso. Redacção e administração na Biblioteca Pública Municipal da Figueira-da-Foz. Assinatura: semestre, 500 réis; núm. avulso, 100 réis. Tem boa colaboração.

Recebidos os n.ºs 1 e 2, referentes a janeiro e fevereiro.

- 36.—REVUE MODERNISTE INTERNATIONALE, «revue mensuelle du Mouvement moderniste». Redacção e administração, *Rue du Vieux Collège, 4, Genève*. Assinatura: ano, 10 fr.; núm. avulso, 1 fr.

Recebidos os n.ºs 10 e 1 (anos I e II), referentes a dezembro e janeiro.

- 37.—HERO—revista latino-americana de literatura, ciências e artes. Director: Anastácio Fernández-Morera; redactor principal, Jacinto Fernández-Morera. Redacção e administração: Céspedes, 25, Sancti-Spiritus (Cuba). Assinatura: ano, 80 P. E. Publica-se nos dias 10, 20 e último de cada mês.

Recebido o n.º 2 (ano V).

- 38.—SUCCEOS, magnífico semanário ilustrado, morístico e de actualidades. Director: João M. Rodrigues; redactor: Gustavo Silva. Redacção e administração: Caila, 902—Valparaíso. Assinatura: no \$30.00. Teisto de interesse, esplendidamente ilustrado.

Recebidos os n.ºs correspondentes a janeiro, fevereiro e março.

- 39.—LABOR NUEVA, revista mensal ilustrada de arte, politica e literatura. Director: Luís R. Alvarez. Redacção e administração: em Guadalajara, México. Assinatura: ano, \$2.00. Bem impressa com boas ilustrações.

Recebido o n.º 10 (ano I).



Mortos ilustres

No corrente mês de março faleceram Filho de Almeida e Augusto Fuschini.

Do primeiro, a quem esta revista merecera amáveis palavras de incitamento, tínhamos a promessa da sua colaboração, — infelizmente, perdida.

Sobre Filho e Fuschini, publicará a LÍMIA artigos próximamente.

C. B.

Comissões de estética

Algumas municipalidades, pouquíssimas ainda, tomaram a louvável iniciativa de organizar núcleos de pessoas a quem será affecto o encargo de velar pela formosura das construções que venham a fazer-se, não permitindo a edificação de prédios que, pela sua mesquinhez ou desarmonia de linhas, tirem a beleza duma praça ou duma avenida.

A ideia, posta já em prática pelas câmaras de Lisboa e Vila-Nova-de-Gaia, é esplendida e de indiscutíveis vantajens.

Apenas cumpre que à escolha dessas

comissões presida a mais escrupulosa atenção, para que os resultados a obter não falsem; e para que, também, essas comissões, de estética chamadas, o não sejam apenas—no nome.

«Arte Antiga»

Esteve por algum tempo aberta, na galeria da Misericórdia do Porto, uma exposição de «Arte Antiga» constituída por reproduções fotocromicas de algumas obras dos mais célebres mestres da pintura. Os *fac-similes*, interessantes e instrutivos sem dúvida, não constituíram novidade, pois mais não eram do que ampliações daqueles que estamos habituados a ver nas obras de vulgarização artística. Por isso, apesar das opiniões laudatórias de alguns artistas estupefactos e das petulantias molduras que cingiam os papeis, o successo foi pequeno, visto que pouca gente se dispôs a pagar cópias gravadas, de que existem milhares, quasi tão caras como quaisquer originaes que o próprio artista tivesse tocado com o pincel. As reproduções por processos mecánicos, embora bem feitas e representando obras de artistas sublimes, serão sempre reproduções e como tais devem ser pagas. Lembremos dos postais coloridos, com quadros célebres, que nos custam apenas uns vinténs...

Dai o pouco acolhimento que o público (mais sábio do que o julgam) deu à exposição, não a sancionando com as suas aquisições.

Ofertas a museus

Á a registar duas. Uma do genial poeta Guerra Junqueiro á Academia de Belas-Artes de Lisboa, outra do cidadão portuense Júlio Osório ao Museu Municipal do Porto.

São certamente dádivas valiosas, se olharmos aos nomes dos ofertantes, bem conhecidos entre os antiquários como colleccionadores impenitentes e criteriosos. A colecção Junqueiro consta de quadros e desenhos, onde avultam um primitivo italiano da escola de Giotto, um tríptico da escola portuguesa do século XVI e diversos quadros da escola flamenga e olandesa do século XVII, principalmente retratos.

A colecção Osório que vai enriquecer o museu do Porto é constituída por pinturas diversas, cuja pormenorização ignoramos, e algumas peças de cerâmica.

Pena foi que Guerra Junqueiro, domici-

liado abitualmente no norte do país, se não lembrasse de doar a sua preciosa colecção ao museu da segunda capital...

...Mas talvez essa decisão se justifique, atendendo a que o Museu do Porto, depois do falecimento do seu malogrado reorganizador Rocha Peixoto, não tem merecido dos superintendentes os desvelos que a sua importância, material e educativa, tam perentóriamente reclama.

P. V.

Linguagem desportiva

Um ciclista, ou coisa parecida, perguntou, á bastante tempo, ao snr. Cândido de Figueiredo como se deveria traduzir *emballage*. Foi-lhe respondido, em um número do Diário de Notícias que — *embacotamento*, creio eu.

Como se trata de ciclismo, a coisa é outra.

Chamam para aí *emballage* ou *embalagem* (aportuguesamento de palavras francesas) ao acto de se pedalar o mais fortemente possível. Nos velódromos, por es., á ultima volta, os corredores pedalam o mais que podem, *embalam*, e cada qual faz por chegar á meta em primeiro lugar, em esforços violentos, *embalajens*.

«E Conelli o homem das *embalagens* phenomenaes, que irá fazer»... — *A Luta*, 21 de março de 1907.

Embalar é, pois, *puxar*, *pedalar rijo*, *pedalar forte*. *Embalagem* é *puxação*, palavra também usada no jogo do bilhar.

Mas á mais: os vocábulos que melhor dão ideia dos actos em questão — e muito usados — são *arrancar* e *arranco*.

Quem tenha visto uma corrida de bicicletas diga lá se pode aver palavras mais próprias!

...«ao toque da sineta Couto arranca com grande velocidade mas Soares consegue remonta-lo e vencer»... — *A Luta*, 20 de março de 1907.

«Van den Born provou-nos o seu altissimo valor arrancando prodigiosamente e vindo chegar em 3.º lugar»... — *O Mundo*, 26 de março de 1907.

«Moura correu muito bem, arrancando á saída do relevé d'entrada com grande velocidade»... — *A Luta*, 20 de março de 1907.

Relevé é *rampa*. Os velódromos teem duas *rectas* e duas *rampas*.

C. B.

LIVRARIA E PAPELARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.^A — SUCCESSOR

119 — Rua do Almada — 123 — 1 — Rua da Fabrica — 13

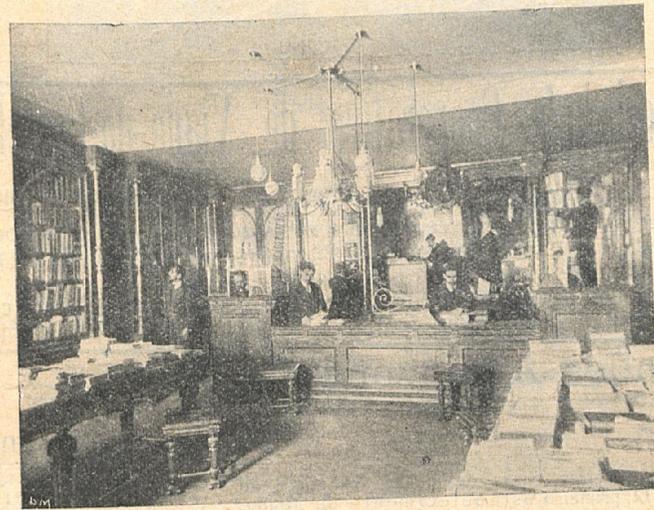
PORTO

Esta casa é a preferida por todos os Snrs. Professores e Estudantes, para compra de livros, tanto literários como de estudo, em virtude de nela encontrarem a maior variedade e o maior sortimento.

ALGUMAS SECÇÕES DESTA CASA:

Livraria — Papelaria — Oficinas de encadernação — Oficinas de tipografia — Oficinas de material escolar — Objetos d'escritório e pintura

Remessa de catalogo grátis a quem o requisitar



Agências em todo o país e no estrangeiro

SALÃO de VENDAS da Livraria LOPES & C.^A — Successor

NOVA AJÊNCIA MARÍTIMA

DE

Domingos da Silva Braga

Passagens para todos os portos da América e da África

Rua de S. Sebastião, 229 — VIANNA-DO-CASTELO



INSTITUTO DE CEGOS DO PORTO

Rua Ferreira Cardoso, 103 — Campo do Cirne
DIRECTOR: Miguel Mota



Pode ser visitado todos os dias úteis das 2 às 4 horas da tarde

Sociedade Cooperativa de Viana-do-Castelo

RUA DE S. SEBASTIÃO, 65 Aberta das 8 da manhã às 3 da tarde

Jêneros de mercearia de primeira qualidade a preços sem competência. Especialidade em azeite finíssimo recebido directamente das melhores procedências (Castelo-Branco e outras).

Os sócios desta Cooperativa tem um desconto de 3 % nas compras que efectuarem nos *Grandes Armazens do Minho* — Praça da República, 15.

Grandes Armazens do Minho

DE J. Rodrigues Pinheiro

Uma das primeiras casas de modas do norte de Portugal. O primeiro estabelecimento do Minho. **36 secções**

Fatos à lavradeira — à vianesa

MODAS Fazendas, sedas, *lanifícios*, veludos, rendas, cotins, riscados, morins, panos crus, etc., etc.

CONFEIÇÕES Chales, lençaria, *camisaria*, enxovais, artigos militares e eclesiásticos, estofos, gravataria, artigos de decoração, etc.

Secção de alfaiataria, dirigida por pessoal competente. **Viana-do-Castelo**
Vendas para as colónias portuguesas e para o Brasil. (PORTUGAL)

FOTOGRAFIA FILGUEIRA
Trabalhos em todos os jêneros;
: : arte perfeição e conservação : :
: : : : garantidas : : : :
R. S. SEBASTIÃO : : : :
: : : : VIANA-DO-CASTELO

LIVRARIA ACADEMICA E RELIGIOSA
DE **ELISEU G. PREZA** VIANA-DO-CASTELO
Grande variedade de livros de missa; religiosos, etc. — Papelaria e objectos de escritório. — Assinaturas de todos os jornais de modas. — Encadernações e bilhetes de visita. — Músicas, estampas e objectos de piedade e devoção. — Compra e vende livros antigos e usados.

Agência comercial e marítima

LEGALMENTE ABILITADA

— DE —

JOAQUIM L. G. MOREIRA & C. A

AGENTES

de todas as «Companhias marítimas» da Adega Central do Minho e Douro de companhias de seguros :: :: ::

Venda de passajens para o Brasil e África. Passajens abonadas a 3, 4 e 6 meses. Solicitam-se passaportes e documentos para os obter. Trata-se de licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reserva.

Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes.

Praça da República, 37
Viana-do-Castelo

Comissões, consignações e c. própria, etc.

ADVOGADOS

Alexandre Amorim e João da Rocha Páris
R. S. Sebastião, 256—VIANA

MATERIAL PARA TIPOGRAFIA

Pedro José Lima

Rua do Correio, 52

PÔRTO

“Varões assinalados,”
Publicação humorística quinzenal a côres

O mais luxuoso e artístico jornal de CARICATURAS que se tem publicado no país.

Caricaturas de Francisco Valença
Artigos dos mais espirituosos escriptores.

Preço 60 réis

Assinatura por série de 12 n.ºs 720 rs.
Administração: R. N. do Almada, 36-3.
: : : : LISBOA : : : :

Representante de diversas fundições de tipos e máquinas.

Deposito de material branco, tintas, massa para rolos e todos os pertences para as artes gráficas.

LIVRARIA ACADEMICA

RUA FERREIRA BORJES, 171
COIMBRA

DE **MOURA MARQUES**

Esta casa fundada em 1900, tem sempre as mais recentes novidades literárias e científicas, portuguesas e estrangeiras, recebendo diariamente pelo correio as novidades de maior interesse, para o que tem correspondentes em todos os países da Europa.

Satisfaz de pronto toda e qualquer encomenda que lhe seja feita de livros ou jornais científicos e literários, aceitando assinaturas para toda a qualidade de periódicos e revistas.

Responde na volta do correio a qualquer pergunta que lhe seja dirigida.

Compromete-se sempre pela execução jeral de todo o serviço de livreria, pois que nada é executado sem que préviamente seja verificado e autorizado pelo proprietário.

Todos os meses fornece Bibliografias aos seus clientes e a quem lhas requisite.

Para todos os esclarecimentos, pede-se a fineza de se dirigirem a

LIVRARIA MOURA MARQUES — COIMBRA

BAZAR COUTO VIANA

Única casa onde se encontram POSTAIS com vistas, traços, monumentos e costumes de VIANA e do MINHO. Sortido completo de papelaria, louças, cristais, quinquilharias, etc. — Praça da República, Viana-do-Castelo.

América

Revista norte-americana em espanhol,
magnificamente ilustrada, científica, indus-
trial, agrícola e comercial.

PUBLICA-SE MENSALMENTE

Assinatura anual: 2\$250 reis

Representante em Portugal:

VÍTOR M. MARTINS JUNIOR

Rua do Bonjardim, 566 — Pôrto

Consultório de Medicina e Cirurgia

R. de JOSÉ FALCÃO, 30-1.º
(Antiga Rua de D. Carlos)

PORTO

Verjilio Ferreira

CONSULTAS—Das 11 às 2
Residência—R. de Eroismo, 338

Ribeiro Seixas

CONSULTAS—Da 1 às 4
Residência—Largo do Laranjal, 2-2.º

**FITAS
PARA**

Maquinas de Escrever

Baratissimas e da melhor qualidade

VENDE-AS

Vítor M. Martins J.º

RUA DO BONJARDIM, 566
Pôrto.

“República,”

DIRECTOR:

Dr. António José de Almeida

Diário da manhã de grande informação

Redacção, administração e tipografia
CHIADO, 48 — LISBOA
Telefone n.º 2820

Officinas de impressão e venda: .
105, R. da ATALAIA, 109—LISBOA

Nos próximos n.ºs:

Notas filológicas, pelo Dr. Leite de Vasconcelos.
A selecção natural e a luta pela vida, por W. Garcia, do Rio-de-
Janeiro.

A Ela (versos), pelo Dr. Nunes Claro.

Umor e Filosofia, pelo Visconde de Vila-Moura.

Rosa e Cravo (versos), por Xavier da Cunha.

Costumes & Tradições — A coca (contin.), por João Verde.

Culto de Quimeras, por Jaime de Magalhães Lima.

Sobrevivências pitorescas de uma arquitectura arcaica, por F.
Alves Pereira.

Mileu, por Pedro Vitorino.

A Felicidade (versos), por Campos Monteiro
— e colaboração ainda de Alberto de Oliveira, Alfredo de Mesquita,
Almáquio Dinis, D. Carolina Michaëlis e Vasconcelos, Eujénio de
Castro, etc.

Desenhos de Correia Dias, Cristiano Cruz, Francisco Valença,
José de Almeida e Silva, J. Salgado, Luis Felipe, etc.

Inéditos de Augusto Santo, Vieira Portuense;—Guilherme Braga,
Camilo, Eça de Queiroz, Alexandre Erculano, etc.

Depositários da “Límia,” em Portugal:

Em Lisboa—Paulo Coelho de Albuquerque (ajente), R. de S. Bento, 510, 2.º, E.
Tabacaria Mónaco, Rossio, 21.
No Pôrto—Livraria Magalhães & Moniz, (ajentes), L. dos Lóios, 10-14.
Em Coimbra—Livraria Moura Marques, (ajente), R. Ferreira Borjes, 171.
Em Braga—Livraria Cruz & C.ª, R. N. de Sousa, 127-133.
Em Bragança—Livraria Rodrigues (ajente).

Aceitam-se ajentes onde os não á.